

A COLONIZAÇÃO ALEMÃ EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON E O ENXAIMEL

HIRT, Sidnara¹

SOARES, Karen Alessandra Solek²

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de estudar a presença da linguagem arquitetônica do estilo enxaimel em cidades brasileiras com colonização alemã, através de um estudo de caso sobre a cidade de Marechal Cândido Rondon. Considerando o fato de esta cidade sofrer influência da cultura germânica, através das características presentes na arquitetura do município, foi realizado um levantamento de obras com a particularidade da técnica construtiva enxaimel, e identificada a sua reprodução em obras que possuem apenas ornamentos, mas mantendo a linguagem.

PALAVRAS CHAVE: Colonização, alemães, enxaimel.

THE GERMAN COLONIZATION IN MARECHAL CÂNDIDO RONDON AND HALF-TIMBERED

ABSTRACT

The present work has the objective of studying the presence of the architectural language of the half - timbered style in Brazilian cities with German colonization, through a case study about the city of Marechal Cândido Rondon. Considering the fact that this city undergoes influence of the Germanic culture, through the characteristics present in the architecture of the municipality, a survey of works with the particularity of the half-timber construction technique was carried out, and its reproduction was identified in works that only have ornaments, but maintaining the language.

KEYWORD: Colonization, Germans, half-timbered.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o caminho percorrido pelos colonizadores de origem alemã até chegarem ao Estado do Paraná, na cidade de Marechal Cândido Rondon. O objetivo do mesmo é apresentar o processo de colonização do município e a característica germânica existente nas edificações da cidade, destacando a técnica construtiva enxaimel. Por isto, foi realizado um levantamento de campo para obter-se imagens de obras que possuem a técnica construtiva enxaimel, mas também foram destacadas algumas que possuem somente ornamentos decorativos que lembram a técnica.

¹ Possui bacharelado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Paranaense (2015). Atualmente é uma das sócias do escritório de arquitetura, Catanio e Vieira Arquitetas Associadas, onde atua como arquiteta e urbanista e é docente do curso de pós-graduação em Master em Arquitetura e Lighting pela IPOG. E-mail: sidinara@catanioevieira.com

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPU UEL/UEM (2016). Possui bacharelado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná (2001) e licenciatura em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes do Paraná (2001). É especialista nas áreas de Engenharia de Segurança do Trabalho pela UFPR (2004); em Marketing, Propaganda e Vendas pela Univel (2006); em Fundamentos da Educação pela Unioeste (2008); em Mídias Integradas na Educação pela UFPR (2011) e Planejamento Urbano e Ambiental pela Fasul (2015). Atualmente é docente QPM no curso profissionalizante Técnico em Segurança do Trabalho pelo Governo do Estado do Paraná; docente do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Unipar Campus Cascavel/PR, além de arquiteta da Prefeitura Municipal de Cascavel no setor de Regularização Fundiária da Secretaria de Planejamento. E-mail: karensolek@yahoo.com.br

2. METODOLOGIA

Um fator de grande relevância constituiu em entender o processo de colonização do município até os dias atuais por meio de um estudo minucioso através dos referenciais teóricos.

Considerando o fato de esta cidade sofrer influência da cultura germânica, através das características presentes na arquitetura do município, foi realizado um levantamento de campo para obter-se imagens de obras com a particularidade da técnica construtiva enxaimel, e identificada a sua reprodução em obras que possuem apenas ornamentos, mas mantendo a linguagem.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

Com a chegada de D. João VI no Brasil, começou o processo de colonização e o povoamento no país. Esta proposta tinha um caráter inovador, pois renovar as estruturas existentes com mão de obra europeia era uma das metas para tornar o país independente (HERÉDIA, 2001).

Após a independência do Brasil em 1822, teve início o fluxo emigratório dos alemães em grande escala para o país. O primeiro grupo de imigrante que chegou ao Brasil, em 1818, fixou-se no Sul da Bahia (PACIEVITCH, s/d). O pensamento deles era conseguir uma vida melhor, pois eram frequentes os problemas sociais que se encontravam na Alemanha após a revolução industrial. Os imigrantes eram camponeses insatisfeitos com a perda de suas terras, ex-artesãos, trabalhadores livres e empreendedores que desejavam exercer livremente suas atividades (UNIVERSITÁRIO, 2013).

Nova Friburgo (RJ) recebeu em maio de 1824, os primeiros imigrantes alemães. No mesmo ano, no mês de julho, eles chegaram ao extremo sul do país, na cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul. Foi neste local que os alemães fundaram a primeira colônia. Segundo Gregory (2002), em 1870, toda a Serra até o Planalto estava nas mãos de colonos alemães. A finalidade principal do movimento de imigração foi à necessidade de trazer soldados alemães. Assim seria garantida a soberania do Brasil, pois o país tinha acabado de conquistar a independência.

Entre os anos de 1920 e 1930, depois da I Guerra Mundial e antes do início da Segunda Guerra, foi à época em que desembarcaram no país aproximadamente 75.000 alemães fugindo dos

conflitos de cunho político e econômico que aconteciam na Alemanha daquele período (PACIEVITCH, s/d).

Em 1827 os alemães se instalaram na cidade de São Paulo. No dia 30 de novembro de 1828, no Porto de Santos, saiu o primeiro grupo de famílias alemãs que migraram para o Paraná.

3.2 A CHEGADA DOS ALEMÃES NO PARANÁ

A chegada dos alemães no estado do Paraná ocorreu em 07 de dezembro de 1828, em Paranaguá. No sentido Leste para o Sul do Estado, passaram por Morretes, depois Curitiba e Vila do Príncipe, para finalmente se fixarem nas margens do Rio Negro em fevereiro de 1829, sendo este o primeiro registro de alemães no Paraná (VITECK, 2011).

A cidade de Rio Negro foi o berço da colonização alemã no Estado. Foi neste local que os alemães portadores de valores culturais e estilo de vida, estabeleceram suas raízes, formando a primeira colônia no Paraná. Ele foi o Estado receptor por excelência, devido aos programas de colonização que atenderam toda a região. A partir de 1920 este processo foi intensificado, aumentando a migração na região (GREGORY, 2002).

Para que ocorresse a concretização destes objetivos, o governo do estado do Paraná estimulou empresas colonizadoras, que atuavam no estado do Rio Grande do Sul a adquirirem terras e se estabelecerem no oeste do Paraná, a partir da década de 40, para iniciar o processo de colonização da área.

Gregory (2002) afirma que a ocupação econômica e a colonização do Paraná, durante este período, se relacionava com o interesse estrangeiro na exploração da erva-mate e da madeira (para a construção civil) e de forma extensiva, com a ação do poder público através da realização de obras de infraestrutura, como a rodovia federal a Foz do Iguaçu.

Neste momento, surge a “Marcha para Oeste” que foi um projeto dirigido pelo governo do presidente Getúlio Vargas a fim de nacionalizar fronteira. O objetivo maior foi despertar o povo brasileiro no período do Estado Novo, para ocupar e desenvolver o interior do Brasil nos quesitos étnicos, econômicos e sociais. O Projeto foi lançado em 1938, e nas palavras de Vargas, segundo Dhiel (2004, p. 52) “o verdadeiro sentido de brasilidade é rumo ao Oeste”.

3.3 A COLONIZAÇÃO NO OESTE PARANAENSE – AS COMPANHIAS COLONIZADORAS

O Oeste Paranaense, onde hoje se encontra a cidade de Marechal Cândido Rondon, no final do século XIX se encontrava isolado pela ausência de estradas e a imponente da floresta subtropical que dominava essa região. O Rio Paraná era a única via de acesso a essa área, porém a navegação no Baixo Rio Paraná estava sob o domínio Argentino (SAATKAMP, 1984).

Figura 1 - Embarcação e Porto no Rio Paraná.



Fonte: Steca, C. L. (org.) 2002, p. 107.

No início do século XX o Brasil assegurou sua ligação com a Província do Mato Grosso, através de um acordo assinado entre os países da Província do Prata. A partir desta época, as terras localizadas a esquerda do rio Paraná, passaram a ser ocupadas por companhias estrangeiras que exploravam de forma legal ou ilegal a erva-mate e a madeira, existente em grandes quantidades na região. Segundo a autora (1984, p. 13) “As companhias que se destacaram nessa fase da História do Município de Marechal Cândido Rondon foram: A Companhia de Maderas Del Alto Paraná, Julio Thomas Allica e Mate Laranjeira”.

A presença de estrangeiros ingleses no território brasileiro, aconteceu pelo fato de grupo empresariais britânicos receberem do governo brasileiro uma extensão de terras de cerca de 274 mil hectares na margem esquerda do rio Paraná, entre o rio São Francisco e o Porto Artaza³, devido ao alto débito pela compra de equipamentos ferroviários, antes da I Guerra Mundial, que aconteceu entre os anos 1914 a 1918. A área ficou conhecida como “Fazenda Britânia” (WEIRICH, 2004).

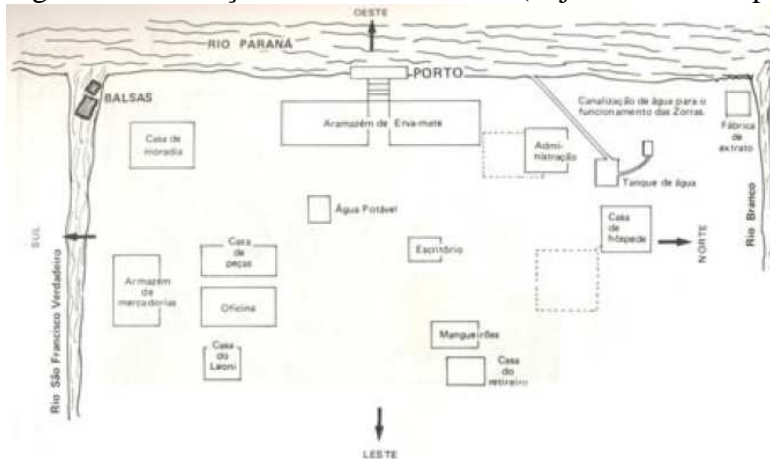
³ O Porto Artaza foi instalado por volta de 1902 à margem esquerda do Rio Paraná, ao sul da atual sede do Distrito de Porto Mendes. Pertenceu a Julio Thomas Allica, um dos primeiros exploradores dos quais se tem registro na região oeste. (SAATKAMP, 1984; WEIRICH, 2004).

Mapa 1 - Portos do Município na Colonização, antes da formação do lago artificial de Itaipu.



Fonte: Saatkamp (1984, p. 34).

Figura 2 - Instalações do Porto Britânia (hoje está coberta pelas águas do lago artificial de Itaipu).



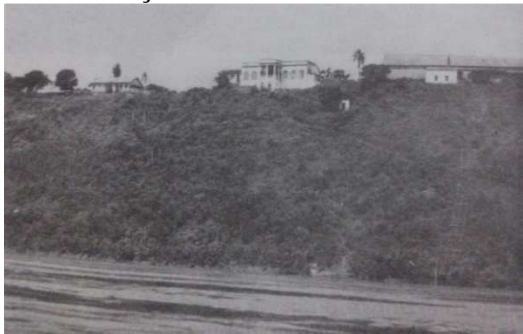
Fonte: Saatkamp (1984, p. 21).

Saatkamp (1984) afirma que o período de 1920 a 1923 foi um dos melhores momentos para a Fazenda, onde proporcionou lucro devido a “era” da erva mate e a extração e comércio de madeiras. Segundo a autora (1984) vários fatores, dentre eles, a Lei dos 2/3⁴ criada no Governo Getúlio Vargas, contribuíram para que ocorresse o enfraquecimento e a destruição do império sócio econômico instaurado no Oeste Paranaense. Assim ocorre a primeira fase da colonização de Marechal Cândido Rondon, marcada pela exploração da natureza.

A Companhia Mate Laranjeira, foi a primeira a comercializar terras, localizava-se no atual distrito de Porto Mendes. Construiu casas, armazéns, estação ferroviária, correio e uma linha telefônica que acompanhava a estrada de ferro que ligava o Porto até a cidade de Guaíra.

⁴ A lei proibia a permanência de trabalhadores exclusivamente estrangeiros em faixas fronteiriças brasileiras, exigindo que 2/3 destes fossem brasileiros (WEIRICH, 2004, p. 30).

Figura 3 - Instalações da Companhia Mate Laranjeira em Porto Mendes. Ao centro está o prédio de administração. Atualmente a área está coberta pelo lago artificial de Itaipu.



Fonte: Saatkamp (1984, p. 31).

Figura 4 - Depósito de erva-mate. Trilhos e zorras da Companhia Mate Laranjeira em Porto Mendes.



Fonte: Saatkamp (1984, p. 33).

Com a decadência da companhia de Madeiras Del Alto Paraná, que era proprietária da Fazenda Britânia, surgiu um grupo de comerciantes de Porto Alegre, que tinham interesse na compra dessa área para colonizar. Foi então, que esse grupo fundou a Indústria Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ⁵ em 1941 (SAATKAMP, 1984). Este momento foi o começo da segunda fase histórica do município.

Na área comprada pela colonizadora Maripá ocorria o mesmo que em toda região Oeste do Paraná. Uma obra, onde trabalhavam os *mensus*⁶ explorando as riquezas naturais. Neste local se estabeleceram os polos regionais das futuras cidades de Toledo e Marechal Cândido Rondon.

⁵ Entre as Companhias que atuaram no oeste paranaense, destaca-se a ação industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A, que instalou sua sede no município de Toledo no Paraná, com o objetivo não só de explorar, mas principalmente de colonizar a área adquirida pela Companhia (SAATKAMP, 1985, p. 37).

⁶ Os *Mensus* eram os trabalhadores das Obras (GREGORY, 2002, p. 40).

Figura 5 - Escritório da Companhia Maripá.



Fonte: Güttges e Valques (2003, p. 25).

Desde o início, os acionistas ficaram divididos em dois grupos. O Dalcanale ficou com 33% das ações. Este grupo descobriu e realizou o negócio da Fazenda Britânia e era o grupo dos italianos. O Segundo grupo possuía 66% das ações e era chamado de grupo alemão. Faziam parte deste grupo, Willy Barth⁷, Kurt e Egon Bercht, Leonardo Júlio Perma, o engenheiro Bastian, dentre outros acionistas, responsáveis pela venda das áreas aos colonos (WACHOWICZ, 1987).

Segundo o mesmo autor a firma tinha por objetivo a compra e venda de terras, a extração, beneficiamento e exportação de madeira e também iniciou um processo de formação de um núcleo populacional, com divisões políticas territoriais.

O melhor exemplo de racionalidade e de articulação teria sido o trabalho desenvolvido pela MARIPÁ, tornando-se a mais importante empresa colonizadora da época, considerando-se os resultados obtidos. “O grupo diretor desta companhia tinha experiência administrativa anterior, já que seus membros exerciam atividades capitalistas em seus locais de origem” (GREGORY, 2002, p. 105).

Outro objetivo da Maripá foi estar à frente de muitas coisas na colônia. Era ela que construía estradas para poder transportar a madeira, no início, e para possibilitar a entrada dos colonos e mais tarde para servir ao trânsito das pessoas e dos produtos importados e exportados.

Havia muitas regras para o plano de ação da companhia, que foi esboçado em 1950. Suas características eram: Escolher as pessoas para começar a povoação, dividir as terras em pequenas propriedades, glebas de 25 hectares para que todo agricultor que viesse morar nessas terras se tornasse proprietário, direcionar a produção agrícola para a policultura, auxiliar os agricultores a colocar seus produtos nos centros consumidores e por fim, industrializar a região (SAATKAMP, 1984).

Após a criação deste plano a ideia era trazer colonizadores com profissões variadas, como professores, pedreiros, mecânicos, carpinteiros, médicos, funileiros, sapateiros, comerciantes dentre outros. A mesma autora (1984) diz que com a fixação do homem a terra, a firma escolheu o

⁷ Willy Barth foi um dos sócios fundadores e primeiros diretores da Colonizadora Maripá. Substituiu Alfredo Ruaro em 1949 dando início a segunda fase de atuação da firma. (SAATKAMP, 1984 e STECA; FLORES, 2002).

agricultor do Rio Grande Do Sul e Santa Catarina, pois como eles eram descendentes de imigrantes italianos e alemães que já estavam muito tempo no país, conheciam as matas, os produtos agrícolas e pastoris, realçavam a produtividade e tinham o amor a terra que trabalhavam. Eram os responsáveis que faziam a seleção, o interesse maior era em homens ligados ao comércio e agricultura do interior dos Estados Sulinos.

A companhia dividiu as terras da fazenda em lotes pequenos, e cada um deles foi denominado colônia, cada uma com aproximadamente 10 alqueires (242.000 m²). Esta região era abundante de água, por isso cada colônia foi beneficiada com um córrego (SAATKAMP, 1984).

Mapa 2 - Organização do espaço rural com uma vila central. Planejamento de vilas mais compactas.



Fonte: Gregory (2002, p. 115).

Gregory (2002) comenta que quase todas as vilas e cidades construídas na colônia obedeceram ao planejamento de ruas, de avenidas, de quadras, de locais para atividades religiosas, educacionais, de lazer e econômicas.

Sobre o espaço urbano que foi se constituindo, o autor (2002) afirma que as cidades e as vilas, foram geometricamente planejadas com ruas, quadras e praças colocadas como em um tabuleiro de xadrez, sendo esta uma característica da urbanização de Marechal Cândido Rondon, de Quatro Pontes, de Novo Três Passos dentre outras cidades, da área abrangida pela MARIPÁ. A inauguração de cada vila era um motivo de festa. Reuniam-se colonos das redondezas, administradores e funcionários da companhia. Ao total foram 28 as vilas fundadas na antiga Fazenda Britânia.

Foi o projeto de colonização da firma Maripá, que deu início à história do município de Marechal Cândido Rondon. Segundo Saatkamp (1984) foi esta companhia que trouxe os primeiros colonizadores que se fixaram em terras rondonenses, em 7 de março de 1950.

Marechal Cândido Rondon foi a 18ª vila a ser fundada em 1952, na época denominada Vila General Rondon. Seu desenvolvimento foi muito atribuído ao sucesso dos colonos e empreendedores, dentre eles, Willy Barth.

Figura 6 - Vila General Rondon.



Fonte: MCR (2015, s/p).

A sede da vila (hoje município de Marechal Cândido Rondon) foi planejada por quadras regulares de 100x100 metros, as ruas com 20 metros e avenidas 30 metros (SAATKAMP, 1984). A colonizadora teve como base de seu traçado urbanístico, a avenida Rio Grande do Sul, que hoje, é uma das principais avenidas da cidade. Este foi o nome dado a ela pelos administradores da empresa, que eram oriundos deste estado.

A Maripá, também é outra grande avenida. Ela parte da Av. Rio Grande do Sul até o Jardim Botafogo, sentido sul-nordeste. A avenida Irio Welp, esta situada a sudeste da área central da cidade (SAATKAMP, 1984).

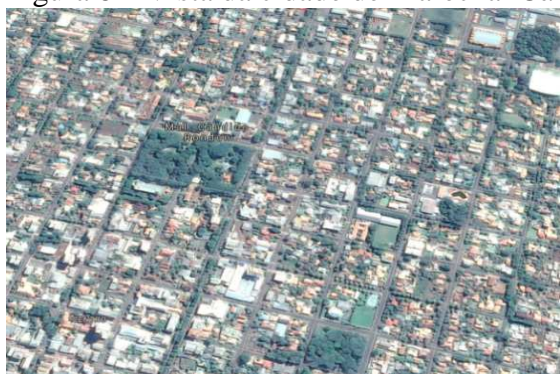
Com o crescimento e a necessidade de expansão da sede, foram feitos loteamentos e jardins habitacionais fora do perímetro urbano, gerando uma alteração na planta da cidade, elaborada pela firma.

Figura 7 - Vista Marechal Cândido Rondon (1966).



Fonte: Güttges e Valques (2003, p. 26).

Figura 8 – Vista da cidade de Marechal Cândido Rondon (2015).

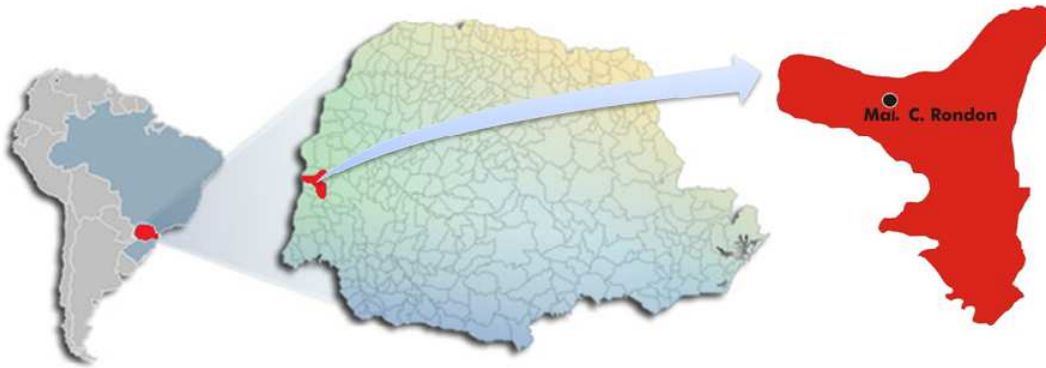


Fonte: Google Earth (2015).

Além disso, um clima de segurança reinava, entre os colonos em relação aos títulos de propriedade que haviam adquirido. Estes eram plenamente legais e, assim, evitou-se totalmente os problemas de terras que eram observados em outras áreas em colonização. Paralelamente, a companhia procurou montar uma infraestrutura adequada para recepcionar as levas de colonos que diariamente chegavam ao Oeste Paranaense. Construíram-se galpões para abrigá-los nos primeiros dias, providenciou-se assistência médica, meios de transporte para encaminhá-los às futuras propriedades, etc. Também houve uma preocupação por parte da diretoria da companhia em alertar os colonos que não queimassem a madeira dos seus lotes (Colodel, 1988, p. 215-216 *Apud* GREGORY, 2002, p. 120).

Em 25 de julho de 1960 através da Lei Estadual 4.245, é oficializado a criação do município. Ele passa a se desmembrar das cidades de Toledo e Foz do Iguaçu (SAATKAMP, 1984).

Mapa 3 - Localização do estado do Paraná no Brasil e localização da cidade de Marechal Cândido Rondon no estado do Paraná.



Fonte: IPARDES (2015).

3.4 OS ALEMÃES EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON

Os pioneiros do município eram agricultores alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, como já citado anteriormente. Em sua maioria eram mais descendentes de alemães, sendo a religião mais praticada a evangélica.

Saatkamp (1984) fala da recepção de Willy Barth para com os colonos: “Willy Barth, recebia os novos colonos, mostrava-lhes as terras, acompanhava-os durante o dia e à noite, cantava com eles para expulsar o cansaço, a tristeza e a saudade” (SAATKAMP, 1984, p. 52).

Esses agricultores formavam a classe média de colonos autônomos e comerciantes e ocupavam os cargos públicos mais importantes ou trabalhavam para a companhia Maripá.

“Marechal Cândido Rondon, em 1956, possuía 95% de famílias alemãs” (SAATKAMP, 1984 p. 85). A colonização alemã é uma das marcas fortes na formação do povo deste município. Entende-se o porquê de esta cidade ser considerada a mais germânica do Oeste Paranaense.

Os alemães se preocupavam muito com a comunidade, estabeleceram a seguinte ordem, para o desenvolvimento dela, conforme diz Saatkamp (1984, p. 86): “Primeiro a escola, segundo o hospital e terceiro a igreja”. Percebe-se o quanto queriam formar cidadãos com seus valores e costumes.

Outro fator muito forte na característica dos descendentes alemães foi a união e a vivência comunitária fortalecendo os laços culturais e perpetuando hábitos que vêm de geração a geração como alimentação e costumes (danças, vestuários, etc.) (WEIRICH, 2004, p. 126).

Neste momento percebe-se a formação da cultura e de tradições de um povo, e a integração entre as pessoas é uma característica muito forte, quando se fala na cultura germânica.

Sobre o estilo de se vestirem, e alguns hábitos a autora (1984, p. 85) afirma:

As vestimentas típicas eram mais usadas pelos colonos gaúchos que também tinham o hábito de tomar chimarrão (hábito praticado até nossos dias). As conversas das mulheres giravam em torno de plantação, quintal, horta e comidas. Os homens discutiam sobre negócios, caçadas corridas de cavalo, serviços, plantios e colheitas, jogavam baralho e bocha, além de falar sobre política e tomar cerveja nas horas de folga.

Figura 8 - Trajes de domingo usados no final da década de 1950.



Fonte: Saatkamp (1984, p. 55).

Figura 9 - Caçada de anta por volta de 1960.



Fonte: Saatkamp (1984, p. 61).

Figura 10 - Primeira colheita de trigo em Marechal Cândido Rondon (1952).



Fonte: Saatkamp (1984, p. 47).

Através desta tabela percebe-se a procedência dos habitantes da cidade. A migração de gaúchos e catarinenses acontece além dos que vieram direto a Marechal, tiveram os que depois que foram para outras regiões, e somente mais tarde vieram para Rondon.

3.5 A CULTURA GERMÂNICA PRESENTE EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON

A gastronomia também é um ponto forte quando se fala sobre a cultura alemã. Os pratos típicos são: chucrute, kassler, lombo a marechal, e o famoso café colonial, que é servido com 55 itens, com pratos a base de massas, frios, shmier (doce) e tortas (WEIRICH, 2004).

Figura 11 - Café colonial.



Fonte: Weirich (2004, p. 131).

Também destacam-se nessa cultura a dança e as festas, como a Oktoberfest, onde a cidade é enfeitada para receber pessoas de diversos lugares, sempre com muito chopp e dança.

Segundo entrevista com Bier, diretora do departamento de turismo da prefeitura de Marechal Cândido Rondon, durante os três dias em que ocorre a festa, são cerca de 30 mil pessoas que comparecem.

Figura 12 - “Opa Fass” em frente ao Centro de Eventos Werner Wanderer, onde ocorre a Oktoberfest.



Fonte: Autoras (2015).

Figura 13 - Desfile da Oktoberfest.



Fonte: Plubique ideias (2012, s/p).

Figura 14 - Oktoberfest acontecendo no Centro de Eventos da cidade.



Fonte: MCR (2011, s/p).

Figura 15 - Oktoberfest da Terceira Idade.



Fonte: MCR (2010, s/p).

Além da Oktoberfest, há também a Festa do Município, comemorada no dia 25 de julho que possui diversas atrações, que acontecem no Centro de Eventos Werner Wanderer bem como em seu entorno, no Parque de Exposições, sendo estas: shows, apresentações de grupo de folclore, parque de diversões, exposições e o famoso boi no rolete. O período de duração dela é de cinco dias, e são aproximadamente 100 mil pessoas que prestigiam a festa, segundo informações conseguidas em entrevista com Bier.

A diretora entrevistada comenta que durante outros eventos que ocorrem durante o ano, como encontro de igrejas, fórum de debates, formaturas, casamentos, feiras de negócios, dentre outros, somam juntos 25 mil pessoas aproximadamente que participam.

Mesmo com estes atrativos turísticos, a população encontra-se bem distante de saber sobre suas origens, pois como Güttges&Valques (2003, p. 34) afirmam: “Devemos com louvor reconhecer o fato da comemoração ser um ponto importante no momento de citarmos o resgate cultural, porém devemos ter em mente o por quê e como realizá-la”.

Há uma grande importância em ter mais espaços para o desenvolvimento de atividades que tragam oportunidade de adquirir o conhecimento sobre a cultura germânica. Ter um local de entretenimento, que ofereça conhecimento sobre a cultura local, se torna um atrativo turístico para a cidade, o que poderá gerar o crescimento na atividade econômica dela.

3.6 CARACTERÍSTICAS DA ARQUITETURA GERMÂNICA NA CIDADE – O ENXAIMEL

O Fachwerk⁸, mais conhecido como enxaimel, é um grande legado deixado pelos alemães. Muito presente em várias regiões da Europa, não é possível saber ao certo onde foi sua origem. O que se tem conhecimento, é que este estilo construtivo, surgiu na Alemanha, durante a idade média (VOLLES, 2015).

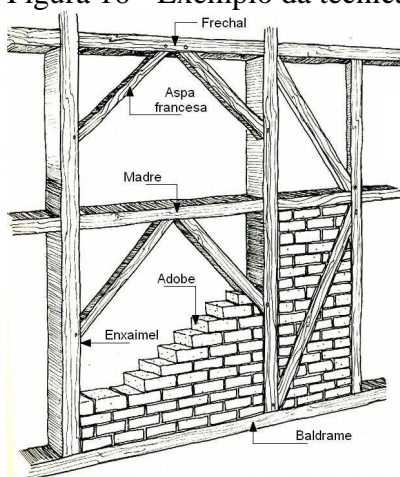
Chegou ao Brasil a partir da colonização dos alemães, sendo encontrada no sul do país com mais frequência (BLOGNEUBAMBU, 2012). São manifestas essas características arquitetônicas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Campos do Jordão, Petrópolis, Rolândia e Marechal Cândido Rondon.

O método construtivo enxaimel é uma antiga técnica construtiva, na qual uma estrutura de madeira que articulada horizontal, vertical e inclinadas, formam um conjunto rígido e acabado. Seus vãos eram preenchidos com tijolos, taipa, pedras, dentre outros. Nesta técnica não utilizam-se pregos, é feita pelo encaixe dos caibros de madeira (WITTMANN, 2014).

Totalmente artesanal, a edificação enxaimel começa pelo esqueleto feito em madeira, com vigas encaixadas na horizontal e vertical. Elas são sustentadas e travadas por vigas diagonais, que, esteticamente, dão um charme a mais na arquitetura depois de finalizada. O mais interessante é que tudo isso é construído sem pregos, somente com encaixes e pinos de madeira (BLOGNEOBAMBU, 2012 s/p).

⁸Fachwerk(do Alemão) - Espaço de uma parede feita a partir da estrutura de caibro preenchido com material entrelaçado. (WITTMANN, 2014, s/p).

Figura 16 - Exemplo da técnica construtiva enxaimel.



Fonte: Blog Neubambu (2012, s/p).

A inclinação do telhado é uma das principais características deste estilo. Os tijolos artesanais utilizados para a construção eram produzidos em fornos manuais, por isso é possível encontrar diversas cores em uma única construção (BLOGNEOBAMBU, 2012).

Figura 17 - Telhado de uma casa com técnica construtiva enxaimel.



Fonte: Volles (2015, s/p).

Figura 18 - Projeto de casa de enxaimel feito em Urubici – Sc.



Fonte: Clicrbs, 2006, s/p.

Percebe-se na figura 18, além da cobertura com telhas comuns em destaque, o processo em que se encontra a casa, é a etapa onde são feitas as amarras que caracterizam as paredes, e na figura 19 já houve o fechamento das paredes com os tijolos que foram colocados entre os vãos.

Pode-se relacionar a técnica construtiva enxaimel com a teoria de Lynch (1960) quando o autor diz que uma imagem do meio ambiente pode ser analisada a partir da estrutura, da identidade e do significado. Quando mencionada a identidade, relaciona-se a uma particularidade da cidade. Neste caso, a identidade da cidade de Marechal Cândido Rondon, esta no enxaimel.

A técnica construtiva utilizada na construção das primeiras residências, e hoje em dia, os ornamentos presentes em algumas edificações caracterizando a técnica, como será comentado mais adiante, mostram que os alemães deixaram sua marca, e a cidade continua a ser reconhecida por isso.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 LEVANTAMENTO DE OBRAS NO MUNICÍPIO

As figuras a seguir são edificações que possuem a técnica construtiva enxaimel em Marechal Cândido Rondon:

Figura 19 - Edifício Industrial.



Fonte: Autoras (2015).

Figura 20 - Museu Casa Gasa⁹.



Fonte: Autoras (2015).

Figura 21 - Residência.



Fonte: Autoras (2015).

Quando mencionada Marechal Cândido Rondon como uma cidade com características germânicas, logo vem à mente das pessoas, o emprego do enxaimel em residências. O problema é que confundem a técnica construtiva com o estilo construtivo. Por isso, vê-se em casas e edifícios, o uso de decorativos e ornamentos. Isto é um equívoco se comparados à técnica construtiva do enxaimel (GÜTTGES & VALQUES, 2003).

Encontram-se na cidade edificações reformuladas com fachadas decorativas. Um exemplo é o Portal de entrada da cidade, assim como o Centro de Eventos Werner Wanderer que possui 34 fachadas diferentes, em estilo germânico, que representam e homenageiam diversas cidades da Alemanha (WEIRICH, 2004) além de outros edifícios e residências como mostram as figuras a seguir:

⁹A Casa Gasa é um importante patrimônio histórico, turístico e cultural de Marechal Cândido Rondon (Disponível em: Mcr, s/d, s/p).

Figura 22 - Portal de Entrada da cidade.



Fonte: Autoras (2015).

Figura 23 – Uma das fachadas do Centro de Eventos Werner Wanderer.



Fonte: Autoras (2015).

Figura 24 – Edifício Comercial.



Fonte: Autoras (2015).

Figura 25 - Edifício Comercial.



Fonte: Autoras (2015)

Figura 26 - Residência.



Fonte: Autoras (2015).

Güttges e Valques (2003), afirmam ainda que esta tentativa de tornar a aparência da cidade germânica possui consequências, que para a arquitetura, passam a parecer apenas uma “imitação” desta técnica.

Um fator a ser considerado pela utilização de ornamentos como estilo enxaimel e não como técnica de execução, é pelo fato de ser alto o orçamento para executar uma casa com esta técnica, quando comparada a uma casa convencional (VOLLES, 2015). O custo de uma casa com a técnica construtiva enxaimel de 75 m² é de R\$ 57.600,00, segundo Volles (2015). Este valor é referente apenas, a parte da estrutura enxaimel fabricada em madeira duras e tratadas, para finalizar a casa é preciso contratar um profissional especializado na área para providenciar a documentação necessária construir a casa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do desenvolvimento deste artigo, obteve-se o conhecimento de como foi o processo de colonização do município de Marechal Cândido Rondon – PR e o legado arquitetônico deixado por eles: a técnica construtiva enxaimel. Sendo originária da Alemanha durante a idade média, ela foi um marco nas edificações rondonenses, pois foi esta a técnica utilizada na construção das primeiras residências. Por isso e pela importância em dar continuidade a utilização desta técnica, que a cidade é conhecida hoje como uma das mais germânicas do Oeste Paranaense, isto se deve também a cultura e suas tradições germânicas, destacando-se principalmente as festas e as danças.

Com o levantamento das obras que apresentam a execução desta técnica no município, foram encontradas também, obras que a primeira vista parecem possuir a técnica enxaimel, mas são apenas uma imitação da mesma, sendo um estilo que foi implantado e continua até hoje. Com estas informações pode-se chegar a duas questões, onde a primeira é a de que em vez de utilizarem a

técnica, optam por ornamentos, devido ao alto custo de uma casa enxaimel, quando comparamos com uma casa de alvenaria. A segunda questão é a que mais chama a atenção, a intenção dos moradores de continuarem utilizando o enxaimel em suas edificações, mesmo que não sendo a técnica em si. Isto mostra o interesse e o orgulho dos rondonenses em querer que sua cidade continue sendo conhecida por possuir raízes germânicas.

REFERÊNCIAS

BLOG NEOBAMBU. 2012. **A charmosa arquitetura germânica**. Disponível em: <<http://blogneobambu.com/2012/01/a-charmosa-arquitetura-enxaimel/>> Acesso em: 05 Mai. 2015.

CLICRBS. **Minha História Meu Patrimônio – Empresa de Blumenau usa técnica construtiva dos europeus**.

Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/an_especiais_patrimonio/enxaimel/enxaimeldehoje.html> Acesso em: 05 de Mai, de 2015 22:29:35

DHIEL, A. A.; SCHNEIDER, I. C.; IRSCHLINGER, A. F.; MEZOMO, A. F.; PINHEIRO, V. J.; SILVA, B. L.; ZAGO, G. L.; MEDEIROS, M. M.; FIORENTIN, S. I. M.; ZIMMERANN, R. T.; GONÇALVES, C. F. V.; MEDEIROS, J. V. **Facínios da História II: Textos da história do Brasil contemporâneo**. Passo Fundo: UPF, 2004.

GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: Migrações no Oeste do Paraná (1940 – 1970)**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GÜTTES, A. A., VALQUES, I.J.B. A arquitetura germânica e suas influências nas edificações brasileiras: o caso de Marechal Cândido Rondon. **Akrópolis**, Umuarama, v11, n. 3, jul./set. 2003.

HERÉDIA, V. 2001. **A imigração européia no século passado: o programa de colonização no rio grande do sul**. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-10.htm>> Acesso em: 27 Abr 2015.

LYNCH, K. AFONSO, T. C. M. **A Imagem da Cidade**. Edições 70 Ltda.

MCR. **Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon**. Disponível em: <<http://www.mcr.pr.gov.br>> Acesso em: 21 Mai. 2015.

PACIEVITCH, T. **Imigração Alemã no Brasil**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/imigracao-alema-no-brasil/>> Acesso em: 26 mar. 2015.

PUBLIQUE IDEIAS. 2012. **10 Melhores Oktoberfests do Brasil**. Disponível em: <<http://www.publiqueideias.com/oktoberfest>> Acesso em: 21 de Mai, de 2015 16:44:32

SAATKAMP, V. **Desafios Lutas e Conquistas: História de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: Assoeste, 1984.

STECA, L. C. (organizadora); Flores, D. M. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: UEL, 2002. 206 p.

UNIVERSITÁRIO. **Imigração Alemã no Brasil.** 2013. Disponível em: <<http://www.universitario.com.br/noticias/n.php?i=15246>> Acesso em: 26 mar. 2015.

VITECK, H. (organizador); PAULS, A.; SCHWENGBER, P. C.; PINTO, O. D.; MÜLLER, E. I.; STEIN, N. M.; PORTES, U. M.; FLUCK, R. M.; GREGORY, V. **Imigração Alemã no Paraná 180 anos:** 1829-2009. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica, 2011.

VOLLES, P. **Casas Enxaimel de Blumenau.** 2015. Disponível em: <<http://casas enxaimel.com.br/63775387-1b07-4423-adac-31f18d092f82.aspx>> Acesso em 05 Mai. 2015.

WACHOWICZ, R. C. **Obrageros, mensus e colonos:** história do oeste paranaense. 2. ed. Curitiba: Vicentina, 1987.

WEIRICH, U. L. **História e Atualidades:** Perfil de Marechal Cândido Rondon. 1. ed. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2004.

WITTMANN, A. 1º **Palestra Técnica Construtiva Enxaimel.** Disponível em: <<http://angelinawittmann.blogspot.com.br/2014/08/1-palestra-sobre-tecnica-construtiva-do.html>> Acesso em: 20 Mai. de 2015.